



CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS PELAS NOITES BRANCAS DE SÃO PETERSBURGO

LITERARY CARTOGRAPHS BY THE WHITE NIGHTS OF SAINT PETERSBURG

Ursula Scheidt¹
Luciana Nascimento²

Resumo: No século XIX, a cidade desponta como cenário privilegiado para a encenação do progresso nascente, com a industrialização e a moderna urbanística. Todos esses fatores influenciaram na sensibilidade, nos modos de vida, nos usos e costumes, tendo em vista que o urbano povoa o imaginário social de então. Nesse sentido, pretende-se, neste trabalho, realizar uma leitura da obra *Noites Brancas*, de Fiódor Dostoievski, tendo como fio condutor a modernidade e a presença da máscara do *flâneur*, persona do literato na modernidade, muito bem estudada por Walter Benjamim na obra de Baudelaire. Para tanto, além dos textos de Berman (1986); Benjamim (1994); também utilizaremos como sustentação, os textos de Ferrara (1996); Simmel (1980); Calvino (1996) e de Branco (2013).

Palavras chave: Modernidade; Literatura; Século XIX; Literatura Russa

Abstract: In the nineteenth century, the city emerges as a privileged scenario for the staging of nascent progress, with industrialization and modern urban planning. All these factors influenced the sensibility, the ways of life, the customs and customs, considering that the urban populates the social imaginary of then. It is intended, in this work, to perform a reading of the work *White Nights* by Feodor Dostoevsky, having as a guiding thread the presence of the mask of *flâneur*, character of the literate in modernity, very well studied by Walter Benjamim in the work of Baudelaire. For this, besides the texts of Berman (1986); Benjamim (1989); we will also use as support the text of Simmel (1987).

Key words: 19th century modernity - Russian literature - the *flâneur* - the imaginary

Introdução

¹ Acadêmica do Curso de Letras Português-Russo. Faculdade de Letras da UFRJ. Iniciação Científica.

² Docente do Depto. Ciência da Literatura. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Docente do PIPGLA- Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação e Linguística Aplicada/ UFRJ. Projeto de pesquisa: Cartografias urbanas: centros e margens - CNPQ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.



No século XIX, a cidade desponta como cenário privilegiado para a encenação do progresso nascente, com a industrialização e a moderna urbanística. Todos esses fatores influenciaram na sensibilidade, nos modos de vida, nos usos e costumes, tendo em vista que o urbano povoa o imaginário social de então:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. (BERMAN, 1986, p. 16).

207

Marshall Berman, ao realizar uma profunda análise da modernidade do século XIX, além de refletir acerca da modernidade de Paris e Viena, também dedica um importante estudo acerca da modernidade Russa, com destaque para São Petersburgo como um exemplo de modernidade muito peculiar, pois ele a identifica como a modernidade no contexto periférico. Nesse sentido, pretende-se, neste trabalho, realizar uma leitura da obra **Noites Brancas**, de Fiódor Dostoievski, tendo como fio condutor, a presença da máscara do *flâneur*, personagem do literato na modernidade, muito bem estudada por Walter Benjamim na obra de Baudelaire. Para tanto, além dos textos de Berman (1986); Benjamim (1989;2006); também utilizaremos como sustentação, o texto de Simmel (1987).



A cidade e o caminhante solitário

A configuração do fenômeno urbano estava diretamente associada ao desenvolvimento do mercado capitalista e, de fato, a cidade moderna ganhou formas e traçados que a distinguiram de outras espécies de aglomeração precedentes, até mesmo se pensarmos na geração de novas sensibilidades e percepção urbanas. De acordo com George Simmel, em seu texto **A metrópole e a vida mental**, grande foi o impacto das mudanças urbanas nos oitocentos, no imaginário social, o que instaurou uma sociabilidade diversa que veio a gerar modos de estar e de se portar na cidade.

Assim, a literatura ao acompanhar os acontecimentos e modificações da sociedade, trouxe para a cena escrita a cidade e seus personagens. Dentre os muitos escritores que tematizaram a cidade em seus textos, destacamos para estudo Dostoiévski e a sua obra **Noites Brancas**.³ Ressalte-se que a cidade de San Petersburgo se inscreve como texto na narrativa de Dostoiévski, se levarmos em conta que o próprio ato de construir uma cidade já constitui uma forma de escrita, que sugere uma narrativa a ser interpretada pelo cidadão caminhante. Como bem assevera Américo (2011), “além da ordem arquitetônica formada por ruas e casas, as cidades também são fruto dos processos históricos e de acontecimentos, heranças, vitórias e conquistas de civilizações, glorificações e utopias etc.” (AMÉRICO, 2011, p. 42.).

Noites Brancas é uma obra que pertence à primeira etapa da carreira do autor russo, que aos 27 anos, ao criar a história, ele havia saído de Moscou para estudar em São Petersburgo. A narrativa ⁴tem seu ponto de partida, numa

³ São Petersburgo também foi tematizada por outros escritores russos, tais como Gógol, Turgueniev, Leskov, Bieli, etc. e por tantos outros autores até hoje. (AMÉRICO, 2011). É talvez a única obra que mais se aproxima do romance e a última escrita pelo autor, antes de partir para Sibéria.

⁴ É talvez a única obra que mais se aproxima do romance e a última escrita pelo autor, antes de partir para Sibéria.

Noites Brancas. (1848) No que se refere ao gênero literário, podemos afirmar que se trata do gênero narrativo. Entretanto, a obra, ao longo do tempo, vem sendo considerada como Conto longo, romance curto. Entretanto, caracterizar ou discutir o gênero literário não constitui objetivo desse nosso trabalho, sendo que nosso escopo está no estudo da presença do espaço urbano na obra.



peculiar noite em São Petersburgo, quando dois jovens se encontram em uma ponte sobre o canal de Nievá, na estação do ano em que o sol não se põe completamente, o que proporciona à cidade uma claridade que se mescla a uma penumbra.

A narrativa possui uma temporalidade de quatro noites e uma manhã, cujos personagens são Nástienka, o personagem-narrador e o inquilino pelo qual Nástienka se apaixona, sendo que esses dois últimos não possuem um nome, o que vai demonstrar, de cert/a forma, a despersonalização dos sujeitos em meio à cidade moderna.

Ao cartografar as ruas solitariamente e empreender uma expedição pela urbe, podemos afirmar que o narrador de Dostoiévski assume a máscara do *flâneur* baudelairiano, tão bem estudado por Walter Benjamin, em suas reflexões acerca da modernidade de Charles Baudelaire na Paris de fins do século XIX. O poeta francês Charles Baudelaire, ao incorporar o repertório urbano em sua poesia, lança o olhar do homem sobre a cidade, lócus em que se sente como um estranho, mas ao mesmo tempo, torna a rua a morada do *flâneur*. De acordo com Benjamin, “trata-se do olhar do flâneur, cujo modo de vida dissimula ainda com um halo conciliador, o futuro modo sombrio dos habitantes da grande cidade.” (BENJAMIN, 2006, p.47). O *flâneur* realiza uma espécie de Botânica no asfalto e busca amparo na multidão:

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho observa o ambiente. (BENJAMIN, 1989, p.35).

Assim, seguindo os passos do *flâneur* dostoiévskiano, observa-se que a cena que abre a primeira noite de **Noites Brancas**, o narrador apresenta a noite maravilhosa de verão que está acontecendo na cidade e começa a falar de sua experiência nas ruas. Sem amigos, esse sujeito se relacionava com a cidade, com a arquitetura, com os jardins, com o trajeto ao longo do rio, descrevendo os



dias e as noites pela cidade, observando as pessoas, seus comportamentos, vestimentas:

Era uma noite maravilhosa, uma noite tal como só é possível quando somos jovens, caro leitor. O céu estava tão estrelado, um céu tão luminoso, que ao olhá-lo seríamos obrigados a nos perguntar infalivelmente: como pode viver sob um céu assim toda sorte de gente irritadiça e caprichosa? Esse também é um questionamento de quem é jovem, caro leitor, muito jovem, (DOSTOIÉVSKI, 2005, p.11).

Ainda na primeira noite, tão sutilmente o narrador conversa com Nástienka sobre dúvidas, encontros e desencontros, caminham pela cidade até a casa dela e falam de amor e paixão e combinam um encontro para o dia seguinte.

Dostoiévski traça uma psicologia do homem solitário que vai se relacionar intimamente com a cidade e suas construções. Esse sujeito sonhador é um solitário por opção, sendo que seus pensamentos e desejos se afastam do trivial dos habitantes comuns de Petersburgo. É, pois, na urbe que o narrador vai encontrar sua satisfação e também vai enfatizar a sua relação íntima com a cidade:

Pareceu-me de repente que eu, um solitário, estava sendo abandonado por todos e que todos se afastavam de mim. Claro, qualquer um teria o direito de perguntar: mas quem são esses todos? Porque já faz oito anos que moro em Petersburgo, e não consegui estabelecer quase nenhuma relação. Mas pra que preciso de relações? Eu já conheço toda Petersburgo sem isso; aí está por que me parecia que todos me abandonavam quando toda Petersburgo se levantou e partiu de repente para o campo. Comecei a ter medo de ficar sozinho e vaguei durante três dias inteiros pela cidade numa tristeza profunda. (DOSTOIÉVSKI, 2005, p.11).

O narrador solitário e sonhador ao manter-se distante do contato com as pessoas, aproxima-se em grande escala da cidade, o que denota a sua fantasmagoria em relação ao imaginário urbano de São Petersburgo. Tal qual *O homem da multidão*, de Edgar Allan Poe, num tom detetivesco, o *flâneur* de Dostoiévski, mostra um profundo conhecimentos dos rostos que circulam da cidade:

Quer fosse para a Niévski, que fosse para o jardim, que vagasse pela marginal do rio, não havia um só rosto daqueles que me acostumara a encontrar naqueles lugares, na hora habitual, o ano inteiro. Claro, eles não me conhecem, mas eu os conheço. Eu os conheço intimamente; já quase



fixei suas fisionomias – agrada-me admirá-los quando estão felizes, e me entrego à melancolia quando se tornam sombrios. (DOSTOIÉVSKI, 2005, p.12).

Ao continuar as suas andanças pela cidade, o narrador, à noite pelas ruas de São Petersburgo, aprecia a paisagem, cartografa as ruas, como por exemplo, a Avenida Niévski e numa ponte sobre o rio Nievá avista uma jovem [Nástienka] debruçada no parapeito, o que lhe desperta uma enorme atração que faz o rapaz se aproximar:

Num recanto, apoiando-se no parapeito do canal, havia uma mulher. Com os cotovelos apoiados na grade, ela parecia olhar de forma muito atenta para a água turva do canal. Usava um belo chapéu amarelo e uma graciosa mantilha preta. “é uma moça, e certamente morena” – pensei. Parecia não ouvir os meus passos e nem mesmo se moveu quando passei por ela, prendendo a respiração e com o coração batendo fortemente. “Estranho!” – pensei – “de certo está muito preocupada com alguma coisa”, e de repente parei atônito. Ouvi um soluço espesso. Sim! Eu não me enganara: a moça estava chorando; e daí a um minuto mais um soluçar, e mais outro... (DOSTOIÉVSKI, 2005, p.17)

211

Vale ressaltar que a Avenida Nievski povoou o imaginário social na Rússia, uma vez que a modernização russa foi um caso singular na história de demonstração individual na rua.

Em tal sociedade, a vida na rua adquire um peso especial, porque a rua é o único meio onde a livre comunicação pode ocorrer. Dostoiévski evoca brilhantemente a estrutura e a dinâmica da demonstração individual e revela as necessidades e contradições desesperadas que dão origem a essa forma. O confronto entre um “homem novo”, um homem que acabou de sair do subterrâneo, e uma antiga classe dominante é um legado vital de Dostoiévski e de Petersburgo para a arte moderna e a política moderna de todo o mundo... O modernismo do subdesenvolvimento é forçado a se construir de fantasias e sonhos de modernidade, a nutrir de uma intimidade a luta contra miragens e fantasmas.

Desde a morte de Nicolau I, os liberais russos tem clamado por liberdade de expressão e de reunião” mas não foram bem sucedidos. “A Rússia é conduzida à liberdade política não por liberais, mas por sonhadores que organizam demonstrações infantis e ridículas, por homens que ousam quebrar a lei, que apanham, são condenados e insultados. Na verdade, argumenta Khazov, essa demonstração infantil e ridícula significa uma nova seriedade e maturidade coletivas... uma união entre a *intelligentsia* e o povo está se fazendo acessível em Petersburgo. Quanto mais acostumarmos a ver os movimentos revolucionários de baixo, mais claramente veremos Chernyshevski e Dostoiévski como partes de um mesmo movimento político



e cultural: um movimento de plebeus de Petersburgo se esforçando para tornar sua, a cidade de Pedro. (BERMAN, 1986, p. 219-223)

Dessa forma, observa-se que ao trazer para a cena literária os trabalhadores, os plebeus Dostoievski cria a sua própria Petersburgo. Vale ressaltar que San Petersburgo habitou o imaginário social russo, justamente por ter sido projetada para ser a portentosa cidade, conforme afirma Edelcio Américo:

Desde o início, Petersburgo foi pensada como uma concretização da ideia de cidade “correta”, surgida no pensamento europeu desde o Renascimento. A contraposição com Moscou, uma cidade “russa e natural” tornou-se óbvia. Além disso, para os russos, Moscou tinha vocação excepcional de salvar o mundo por ser considerada herdeira religiosa de Roma e de Constantinopla e guardiã das tradições ortodoxas. (AMÉRICO, 2011, p. 14.).

É dentro desse imaginário da grande cidade sedutora, que na narrativa de Doistoievski, durante o encontro entre o caminhante solitário e a personagem Nástienka, cria-se uma amizade, que os leva a uma troca de experiências. Nástienka argumenta que precisa conhecer melhor o seu interlocutor, que já se mostrava no enleio de uma paixão pela moça, que, por sua vez, conta sua história, fala de sua ligação com a avó e da vida que levava naquela região.

A moça narra ainda que o inquilino que apareceu para o quarto na casa da sua avó, se aproximou, primeiro, oferecendo livros para Nástienka ler para sua avó e na sequência convidou as duas para assistirem a ópera "O Barbeiro de Sevilha." Aceito o convite, Nástienka foi à ópera pela primeira vez, mas o inquilino não mais se aproximou e passado algum tempo, rescindiu seu contrato com a avó de Nastienka e partiu para Moscou. Nástienka ficou despedaçada. Sofreu, sofreu e tomou uma decisão, fez uma trouxa com suas roupas e a noite, foi procurá-lo, disposta a ir junto com ele, mas isso não foi possível:

[...] Escute. Juro-lhe que se algum dia eu estiver em condições de me casar, sem dúvida a senhorita fará a minha felicidade... vou para Moscou e lá ficarei exatamente um ano. Espero arranjar meus negócios. Quando voltar, e se a senhorita não deixar de me amar, juro-lhe que seremos felizes. Agora é



impossível... É claro: no caso de a senhorita não preferir um outro... (DOSTOIEVSKI, 2005, p.52)

No dia seguinte, Nástienka aparentemente mais alegre, continua conversando sobre o amor que ela sentia e ele [o caminhante solitário] amando em silêncio, caminhavam pela cidade, falando coisas alegres. Combinaram que ele [o caminhante] iria buscar uma posição, uma resposta à carta que ela tinha entregue para o amado, mas ele não foi. Triste e confuso, não aguentava mais esconder seus sentimentos e declara seu amor por Nástienka, que se surpreende, ele se arrepende, quer ir embora, mas ela não o deixa ir e o conversaram por longo tempo, ajustaram as ideias, até que ela aceita o amor dele como consolo:

- Eu só queria lhe dizer... se o senhor sente que seu amor é tão grande a ponto de poder tirar de meu coração o que havia antes... se quiser ter piedade de mim, se não quiser me deixar sozinha com o meu destino, sem consolo, sem esperança, se quiser me amar para sempre como me ama agora, então juro que minha gratidão... que meu amor será afinal digno do seu..." (DOSTOIEVSKI, 2005, p.74).

213

O solitário caminhante e Nástienka estavam felizes, tinham se entendido e andando pelas ruas da cidade como que deslizando num mundo criado por eles enquanto interlocutores:

Falando essas coisas, íamos como numa embriaguez, num nevoeiro, como se não soubéssemos o que se passava conosco. Ora parávamos e conversávamos longamente num lugar, ora começávamos a caminhar outra vez e passávamos sabe Deus por onde; e outra vez o riso, outra vez as lágrimas... (DOSTOIEVSKI, 2005, p.76).

Mas essa felicidade do solitário não durou mais que uma noite, o amado tão esperado apareceu e ela correu para os braços dele decididamente, tendo se despedido o que veio ao seu pensamento: "Minhas noites terminaram pela manhã." (DOSTOIEVSKI, 2005, p.79)

Nástienka enviou uma carta ao seu interlocutor, pois queria sua amizade e demonstrava enorme gratidão por quem a amparou em grande tristeza. E ele apesar do enorme sofrimento de tê-la perdido, sem ao menos tê-la ganhado, era



agradecido pelos momentos felizes que desfrutou ao lado dela, tendo configurado uma cartografia afetiva e urbana.

Enfim, ao longo da leitura da obra, foi possível observar as diversas “cartografias urbanas”⁵ na narrativa de Dostoiévski. O narrador caracteriza os principais espaços de São Petersburgo, demonstrando o fascínio pela modernidade urbana. Ressalte-se que São Petersburgo recebeu de Pedro, o grande, a feição de cidade moderna, uma vez que o Czar imprimiu algumas transformações na cidade, as quais foram sendo continuadas pelos czares subsequentes. Dessa forma, a cidade já no século XIX ganhou as avenidas, as pontes do Rio Nievá, e criou-se um imaginário urbano, que daria conta de fixar a imagem de Petersburgo como uma espécie de portal entre a Rússia e a Europa.

Marshal Berman, ao analisar a modernidade russa, nos mostra que foi uma modernidade de empréstimo e produto de um “modernismo de um subdesenvolvimento”: “A construção de São Petersburgo é provavelmente o exemplo mais dramático, na história mundial, de modernização draconiana concebida e imposta. Pedro I iniciou em 1703, nos pântanos onde o rio Neva (“Lama”) despeja as águas do lago Ladoga no golfo da Finlândia, rumo ao mar Báltico.” (BERMAN, 1986, p. 170).

A cidade de São Petersburgo foi ganhando uma feição grandiosa e moderna, sucessivamente ao longo de três séculos. Como uma cidade “imaginada” pelos seus governantes, São Petersburgo tornou-se, então, uma “cidade das letras”, cujos “traços mais notáveis da era do subdesenvolvimento russo é que produziu, no espaço de apenas duas gerações, uma das maiores literaturas do mundo.” (BERMAN, 1986, p. 170).

7. NASCIMENTO (2013). A nossa perspectiva de cartografia urbana se baseia na metáfora da escrita e do percurso dos personagens, os quais, de certa forma, desenham um mapa literário, demonstrando como os deslocamentos dos personagens demarcam uma escrita simbólica da cidade.

8. Dostoiévski continua tendo S. Petersburgo no cenário de suas obras quando retorna da Sibéria para S. Petersburgo em 1860, mas não mais em romances, agora ele vê a Rússia com outros olhos



Considerações finais

Em nossa leitura, foi possível observar que a cidade escrita pela literatura se torna uma “vitrine”, onde se expõem seus personagens, seus sentidos e sentimentos, onde o escritor é um leitor que recolhe os fragmentos urbanos. Dessa forma, o narrador *flâneur* é um espectador na grande plateia urbana, além de ser observador, ele tem por característica ser aquele habitante que vive, sente e estabelece relações mais incisivas com a cidade. Esse caminhante não é apenas um observador da paisagem, mas, acima de tudo, é também um construtor de imagens da urbe. Assim, Dostoiévski lê, relê e reconstrói na escrita a cidade dos sonhos dos Czares, por meio de uma cartografia própria, onde também se inscreve o personagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[AMÉRICO, Edélcio Rodiney](#). **Os textos de Moscou e São Petersburgo como reflexo da identidade nacional russa**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. Obras escolhidas III Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Passagens**. Trad. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANCO, Sônia. **Pensamento e crítica na Rússia oitocentista**: preâmbulos de uma revolução. UFRJ. Dissertação de mestrado em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras da UFRJ, 2009

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Noites Brancas**: romance sentimental (das recordações de um sonhador). Tradução e notas de Nivaldo dos Santos; Gravuras de Lívio Abramo. São Paulo: Editora 34, 2005. (Coleção Leste)



NASCIMENTO, Luciana, et. al. ***Cartografias Urbanas***. Olhares, narrativas e representações. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.